

## LEANDRO KONDER, Intelectual do Ano 2002

Por Emir Sader e Cezar Honorato\*



**L**úmeros escritores elegeram cidades como fontes de inspiração, de criação, espaço vital para a produção artística. É o caso de Jorge Luis Borges e a sua Buenos Aires querida; Charles Baudelaire e a eterna Paris, *la belle damme*; com Mário de Andrade, tem-se a comção desvairada por São Paulo; Guimarães Rosa universaliza o mundo a partir da pequena Codisburgo; a lírica de Carlos Drummond de Andrade é marcada pela nostalgia da infância passada em Itabira. Leandro Konder, por sua vez, assim como Machado de Assis, concebe

a cidade do Rio de Janeiro como lugar privilegiado, onde se sente à vontade: “Ipanema é a minha pátria. Eu nunca sonhei com nenhum ambiente físico que não fosse o Rio de Janeiro”, poetiza o teórico. Homenageado pelo Fórum do Rio de Janeiro e pela Reitoria da UERJ, que lhe concederam o Prêmio Darcy Ribeiro-Intelectual do Ano 2002, Konder lembra suas vivências na cidade, articulando-as a episódios significativos ocorridos no país. O cenário desse encontro simpático e fraterno foi o Departamento de Educação da PUC-Rio.

**RRJ – Fale um pouco de sua história, de onde você nasceu.**

**LK** – Nasci em Petrópolis em 3 de janeiro de 1936. Meus pais fugiam de uma onda de repressão desencadeada em final de 1935 e mais tarde vim para o Rio de Janeiro. No mesmo dia em que nasci, meu pai foi preso e, em função disso, meus trinta primeiros anos de análise – se eu a fizesse – seriam dedicados a entender os problemas que meu nascimento

causou ao meu pai [risos]. Mais tarde mandaram-no para Natal (RN), onde nasceu meu irmão. Depois de cinco anos vivendo no Nordeste, fomos morar em Copacabana em uma *casa* (hoje fica um pouco difícil entender isso) na Constante Ramos. Em seguida, fomos morar em Ipanema, onde fiquei por muitos anos. Ipanema hoje é a minha pátria. Morei na rua Nascimento e Silva. Naquele tempo, no final dos anos 40, havia poucos prédios de aparta-

\* Colaboraram: Carmen da Matta e Dayse Candida.

mentos; em geral eram só casas. Havia também pobres, havia armazéns, não havia favelas, mas existia o que popularmente se chamava de “cabeça de porco”, uma espécie de vila, espaço habitado geralmente por pessoas próximas socialmente do que se conhece hoje como faveladas. E havia a classe média, bastante diversificada. Era em meio a esses segmentos que eu transitava. A gente vivia em comunidade.

**RRJ – Ipanema logo depois foi transformada em mito, firmou-se como um bairro com um perfil eclético.**

**LK** – Na década de 1950, com a Bossa Nova, com o Tom Jobim, com o Aluysio Campos da Paz, futuro diretor da rede Sarah, o perfil de Ipanema já estava se modificando. Esse movimento ficava mais concentrado entre a antiga Rua Montenegro (hoje Vinícius de Moraes) e a Farma de Amoedo, que era o trecho quente. Mas na minha época, para se ter uma idéia, jogávamos futebol no final da tarde na rua; os carros eram tão raros que, quando vinha um, nós parávamos para deixá-lo passar. Primeiro morei na rua Teixeira de Melo por pouco tempo, depois na Nascimento e Silva, depois na Jangadeiros, onde morei uma boa parte da minha vida, até o momento em que eu saí do país. Quando voltei, fui para a Jangadeiros, mas minha mãe vendeu o apartamento e a gente passou a morar em Copacabana. Então, é por tudo isso que eu me sinto muito envolvido com essa história particularíssima de Ipanema, e quando ela foi transformada em

mito eu me senti um pouco roubado. Transformar em mito o meu bairro?

**RRJ – Quando foi exatamente que você saiu do país?**

**LK** – Saí do Brasil em agosto de 1972 e voltei em dezembro de 1978. Morei em Bonn, o lugar mais chato da Alemanha [risos]. Lá você deve contar o tempo dobrado, a taxa de insalubridade era grande... [risos]. No último ano do exílio, morei na França.

**RRJ – A década de 1950 foi a que mais marcou a sua vivência?**

**LK** – Sim, foi a década que mais me marcou. Aos poucos fui descobrindo o Rio, na segunda metade dos anos 50, um período em que havia um clima muito curioso, a época de Juscelino Kubitschek. Convivia-se com uma certa consciência, uma certa capacidade de se ter esperança, a média de esperança das pessoas era mais elevada.

**RRJ – Quais eram os eixos pelos quais você circulava nos anos 50?**

**LK** – Ipanema, Botafogo, Flamengo. Trabalhei em um escritório de advocacia na Rua Primeiro de Março, no centro da cidade, ao mesmo tempo que estudava Direito. De 1954 a 1958, cursei a Faculdade de Direito do Catete, que depois virou a UEG – atual UERJ. Quando Getúlio Vargas se matou, eu já era aluno da faculdade.

**RRJ – Quanto a sua formação intelectual aqui no Rio de Janeiro, quais eram as referências significativas e as de sua geração?**





**LK** – No Rio era mais dispersa essa formação, porque era mais individual. Nesse ponto, em nossa história, a atividade intelectual foi mais organizada em São Paulo, de uma forma mais institucional; a USP desde o início teve um papel importante, diferente das outras universidades cariocas. No Rio, improvisávamos mais, nossa formação intelectual era mais individual, nos reuníamos com pessoas que passavam a ser as nossas referências. Começando pelo lado conservador, os professores com quem eu conversava, que eram pessoas acessíveis, eram Aliomar Baleeiro, Afonso Arinos de Mello Franco, o velho Pereira Lira, ícones do conservadorismo, porém eram pessoas com as quais dava para a gente conversar. Eles eram pessoas de direita, mas muito corretas. E no lado mais de esquerda havia o Joaquim Pimenta, que contava histórias deliciosas da militância dele.

**RRJ – O Iseb (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) teve peso para você?**

**LK** – Sim, mais tarde, em 1960. Fui aluno do Iseb, fiquei conhecendo o Álvaro Vieira Pinto, o Nelson Werneck Sodré, o Roland Corbisier. A convite do professor Latorre de Faria, dei uma aula sobre estética marxista, num curso de estética ministrado pelo então jovencíssimo José Guilherme Merquior. Depois do golpe de 1964 fui intimado a dar um depoimento no inquérito aberto para apurar a subversão no Iseb.

**RRJ – Devido a essa formação mais assistemática, pode-se dizer que você**

**é um intelectual do Rio de Janeiro? Qual era a sua relação com o movimento estudantil ?**

**LK** – Sim, me considero um intelectual carioca bem típico. A UNE era uma referência importante, minhas amizades militavam na entidade, mas eu já era um advogado trabalhista e como tal ajudava os dirigentes sindicais a organizarem greves. Em todo caso, de vez em quando aparecia na UNE. Havia também o CPC (Centro Popular de Cultura), que era um pólo organizador, o pessoal de teatro, o pessoal de cinema. Conheci nessa época o Ferreira Gullar, o Vianinha (Oduvaldo Viana Filho) e muitos outros por meio dessas entidades. Depois veio o Partido [PCB], ao qual era filiado. A atuação do Partido Comunista no Rio era especial, se comparado ao que ele fazia no resto do Brasil, pois aqui parecia ser o lugar onde se concentravam todas as complicações. Criou-se um Comitê Cultural que tinha a tarefa de ser uma instância mais controladora, para dar mais organicidade interna, e a imagem externa até transmitia um pouco disso. Teoricamente, esse Comitê deveria ser um instrumento para dar uma maior concatenação à atuação nos diversos movimentos culturais, mas, na verdade, não controlava nada, pois tínhamos divergências internas enormes. Propunha-se uma eficiência que nós não tínhamos, logo, não funcionou direito. Quando o Paulo Francis era de esquerda, dizia que o Partido parecia uma coisa meio demoníaca. Mas a gente marcava presença em assembléias, participava das greves, levava sugestões.



Com o Golpe de 1964, sistematicamente fomos submetidos a sucessivas derrotas políticas. Particpei de episódios terríveis, um deles em 1968, aliás um ano também terrível (perdi meu pai), ano das passeatas, do AI-5, de crise. Um desses episódios foi a greve promovida pelo Caco/UFRJ. Fui para lá acompanhar a assembléia e defender a linha do Partido, de moderação, equilíbrio, sensatez, aquelas coisas antipáticas. E, do outro lado, estavam as organizações com posições mais à esquerda, mais radicais, amplamente hegemônicas, e a estudantada estava apoiando a radicalização. Quem falou antes de mim foi o Fernando Gabeira, que dizia que as coisas tinham de avançar na lei ou na marra; ele era talentoso para falar, a massa ia ao delírio, e no meio daquilo eu defendi sem convicção, recuando às vezes, as posições do Partido – inclusive um militante que estava a meu lado ficou muito contrariado comigo; e eu disse a ele que escolheram mal a pessoa para defender as posições do Partido e enfrentar aquela massa.

A outra imagem marcante do golpe de 1964 foi o incêndio do prédio da UNE. No dia 31 de março havia rumores de golpe, mas ninguém confirmava nada. No dia 1º de abril confirmou-se que ocorreu um levante de tropas em Minas. Eu levava uma vida dentro da normalidade, trabalhava na Rua Primeiro de Março e também na Rua de Santana, como advogado sindical. Era advogado do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de

Calçados, vulgo Sindicato dos Sapateiros, e nos dois meses antes do golpe trabalhei no Sindicato dos Aeronautas e no dos Bancários. Então, me dirigi aos sindicatos para buscar informações. Fui avisado por João das Neves - que estava na sede da UNE - que o prédio estava cercado. Acabei encontrando alguns companheiros, como Antônio Carlos Peixoto, e mais alguns outros que eram do Comitê Cultural do PCB, Dias Gomes, outros que não lembro, e nos dirigimos à UNE. Quando chegamos lá, o prédio estava pegando fogo. Não se conseguia mais nem entrar no prédio. Pairava uma certa solidariedade de alguns com os incendiários, ao mesmo tempo em que em muitos transpareciam reticências, ninguém protestava porque o clima era muito pesado.

#### **RRJ – E o imediato pós-golpe de 1964?**

LK – Nessa mesma noite fomos para a minha casa, improvisamos uma reunião, no curso da qual se formulou uma hipótese extremamente pessimista, avaliou-se que a situação era sinistra e que o golpe e os novos detentores do poder tinham vindo para permanecer por pelo menos uns dez anos. Essa posição pessimista foi muito criticada, pois alguns achavam que esse processo iria durar apenas algumas semanas.

**RRJ – Como ficou o clima da cidade do Rio naquele momento? O carioca tem um temperamento muito extrovertido para conviver com esse tipo de mudança brusca.**





**LK** – Houve uma reação de um setor importante da cultura carioca, que é o humor. Houve uma reação do pessoal do teatro e a atuação da UNE se deslocou para essa área, com os CPCs (Centros Populares de Cultura). O show do Teatro Opinião, dirigido por Flávio Rangel, foi uma tentativa de resposta em uma área mais restrita, da cultura, que reuniu muita gente, poetas, escritores, sambistas. Houve também uma mobilização do pessoal do samba puxada por Tereza Aragão. Houve muita perplexidade quando o panorama político começou a se delinear e a mostrar que o golpe veio para ficar. Para mim, foi um período muito fecundo, porque fui demitido pelos interventores de todos os sindicatos em que trabalhava, mas tudo ocorreu muito civilizadamente; recebi todos direitos trabalhistas e fiquei quase um ano e meio sem trabalhar, consumindo o dinheiro das indenizações [risos]. Lia muito, passei a frequentar a Biblioteca Nacional, instituição que acho muito simpática.

**RRJ – Que outras imagens fortes do Rio de Janeiro marcaram você?**

**LK** – A imagem de Ipanema dos anos 50, anterior à onda de mitificação do bairro. Ipanema era muito querida, muito simpática. A praia, o Arpoador são imagens muito fortes da minha adolescência. E do futebol, do Maracanã, na derrota do Brasil para o Uruguai em julho de 1950, eu estava lá. Lembro-me de irmos eu, meu pai, meu tio e meu irmão. Como meu irmão era muito pequeno,

levamos um caixotinho para ele poder ver o jogo. O clima era de já ganhou, inclusive comprei uma revista bem improvisada que estava sendo vendida na entrada do estádio e que antes do jogo já anunciava e comemorava a vitória do Brasil. Eu, estupidamente, joguei a revista fora. Devia tê-la guardado, mas fiquei com tanta raiva da derrota... Lembro que na saída, na rampa, vimos um homem, um sujeito bem marmanjão, se debulhando em lágrimas.

**RRJ – Nos anos 50 você presenciou ainda outras mudanças importantes?**

**LK** – O suicídio do Getúlio Vargas, em 1954. Lembro-me de que ainda estudava na Faculdade do Catete e me dirigi para lá, mesmo sabendo que estava fechada, mas para encontrar os colegas. Não encontrei ninguém conhecido e fui para frente do Palácio do Catete, que estava cercado. Havia um clima pesado. Naquela hora, às oito e meia, Getúlio estava se matando e eu nem sabia. Foi com esse episódio que comecei a perceber como a história se faz, ou seja, se faz por cima da gente. Getúlio estava se matando e eu por ali circulando, sem saber. Depois, consegui pegar um ônibus e alguém anunciou: “Getúlio se matou!”. Fui, então, para casa da minha avó materna, que não sabia de nada; ligamos o rádio e ouvimos a leitura da Carta Testamento. Nesse momento tive a primeira idéia política própria - até então só repetia idéias feitas. Pensei: este fato muda muito o curso da história, já que as massas que seguiam Getúlio podem se tornar mais acessíveis ao nosso discurso, se souber-

mos, é claro, falar algo diferente. Havia uma tendência forte à aliança com o populismo varguista. Depois encontrei dois amigos, Ivan Junqueira e João das Neves, fomos para o centro da cidade para ver o movimento, encontramos outros amigos fazendo um ato político em frente à Embaixada dos Estados Unidos, e aderimos à manifestação. Um desses amigos era o Luiz Fernando Cardoso, um militante apaixonadíssimo, que morreu muitos anos mais tarde e eu associei a morte dele ao fim da União Soviética e a derrubada das estátuas de Lênin. Ele dizia para mim: “Leandro, eu vi na televisão: não estão derrubando somente as estátuas de Stálin; estão derrubando as de Lênin!”. Quize dias depois, ligaram da parte da família dele comunicando que ele havia tido um enfarte e falecera. Desde de 1954 eu tinha uma grande admiração por ele, ele era notável, fantástico, no dia da morte de Getúlio ele agitou muito no centro da cidade.

**RRJ – E como foi a sua volta do exílio em 1978?**

**LK** – Eu nunca sonhei com nenhum ambiente físico que não fosse o Rio de Janeiro. Mas, por razões práticas, desembarquei em São Paulo. Na volta, Milton Temer, Carlos Nelson Coutinho e eu desenvolvemos uma linha de raciocínio que defendia o seguinte: apesar de a abertura política estar sendo conduzida de cima para baixo, sob controle do Estado e do governo, ela seria para valer, na medida em que correspondia também a uma pressão da

sociedade, e tínhamos de aproveitar. Porém, havia muita gente mesmo, inclusive com influência dentro do Partidão, que considerava a abertura uma manobra da ditadura militar para que os quadros de esquerda se expusessem. Então, nós três, que voltamos na mesma época com diferença de poucos dias, combinamos com o Armênio que o Milton Temer viria para o Rio de Janeiro, o Carlos Nelson Coutinho iria para a Bahia e eu iria para São Paulo. No meu caso, o pai da Cristina, minha mulher, era desembargador em São Paulo e, apesar de muito conservador, se as coisas ficassem difíceis, ele poderia dar uma cobertura. Então, quando cheguei a São Paulo, fui preso logo no aeroporto, mas fui solto no mesmo dia, ficando por volta de duas semanas lá, chegando ao Rio de Janeiro para passar a virada do ano de 1978 para 1979. Viemos de avião; quando ele sobrevoou a cidade, foi aquela emoção.

**RRJ – O que marcou você quando retornou ao Rio de Janeiro?**

**LK** – O susto com a Barra da Tijuca, por exemplo. A Barra era uma coisa completamente nova, não tinha nada a ver com o imenso descampado que eu conheci. Em Ipanema fiquei surpreso com a proliferação de lojinhas de suco de frutas; que coisa boa! Fiquei muito satisfeito com isso. Com algumas semanas de adaptação, já que na Europa eu nunca estive em casa - eu estava no exterior -, mas depois de ficar fora seis anos e meio, senti que a minha casa havia sofrido algumas mudanças.





Passei, então, a procurar as pessoas, fui à Banda de Ipanema e os amigos me olhavam surpresos. Depois fiz passeios por Ipanema, que havia mudado muito.

**RRJ – E o exílio interno no Rio de Janeiro, antes de sair do Brasil?**

**LK** – Tivemos uma experiência ruim, que foi a prisão pelo Exército de um companheiro que era secretário do Comitê Cultural do Partidão. Ele foi muito torturado, estava portando muito material, sabia de muitas informações; teve de reconhecer muita coisa, o que desencadeou uma onda de prisões de todos os membros do Comitê. Tivemos de decidir quem sairia do país, quem ficaria. O Ferreira Gullar, que era dirigente, teve de fugir do país, e outras pessoas decidiram ficar. Foi o meu caso. Houve um acontecimento curioso: eles queriam pegar o José Sales, que era casado com a minha cunhada, e me prenderam para dar o endereço dele, só que eu não tinha, e nem podia entregá-lo. Fiquei com medo de enlouquecer. Eles acabaram descobrindo lá em casa pilhas de um jornal subversivo, um material altamente comprometedor. Mais tarde fui absolvido, já estava até no exterior, porque meu advogado argumentou, com um catálogo de telefones na mão, que a linha continuava em nome de Valério Konder, que já havia inclusive morrido, mas continuavam mandando o material para ele, não para mim. Assim eu escapei da condenação [risos]. Mas era um clima muito sufocante.

**RRJ – Na volta do exílio, então, você vai se deparar com uma nova geração de intelectuais?**

**LK** – Sim, havia uma nova geração e mesmo os velhos apareciam com uma nova face. Um caso que me impressionou muito e que me alertou para essa mudança foi o do Gabeira. Tinha estado com ele agitando no Centro Acadêmico da Faculdade de Direito da UFRJ e de repente encontro com ele de tanguinha de crochê na praia. Pensei: algo está mesmo mudando e tenho de me orientar de acordo com esse novo quadro. Foram mudanças nos costumes, que podem não ser profundas, mas são bastantes significativas. Assustei-me demais também com o crescimento da televisão, com sua influência; a vida cultural brasileira estava passando mais decisivamente pela tevê. No início dos anos 70 houve ainda o desbunde, mas isso ficou mais notório no final de 1979 e início de 1980.

**RRJ – E o Leandro Konder professor?**

**LK** – Antes eu já gostava de dar aulas, mas exercia a atividade sobretudo em cursos de formação de quadros do Partido, o que era completamente diferente do que eu faço agora, lecionando na universidade. Eu tinha de passar convicções que incitavam à militância. Na verdade, fui um mau professor, pois meus alunos todos pularam fora na primeira virada do bonde da História ... [risos]. Ser professor hoje é bem diferente, pois trabalho muito com o próprio movimento da reflexão, do pensamento, independentemente de se chegar ou

não a conclusões definitivas, irrevogáveis ou provisórias. E a gente chega mesmo é a conclusões provisórias. Então, o modo de se trabalhar é diferente na universidade, onde me adaptei muito bem: gosto da universidade, gosto de dar aulas, a minha vaidade se manifesta plenamente nessa atividade de professor. Quando estou dando uma boa aula e vejo os alunos atentos àquilo que estou falando, dá uma sensação de prazer enorme.

**RRJ – Qual é a sua relação com o Rio hoje?**

**LK** – Sinto-me cada vez mais um cidadão carioca. Estou muito envolvido com o Rio, sofro com o Rio, me preocupo com a vida cultural da cidade, e muito com a vida política, com suas questões complicadas. Antigamente me consolava a idéia de que o que acontecia no Rio era um prenúncio do que ia acontecer no resto do país. Contudo, sinto que esse prenúncio pode ser tanto de acontecimentos bons quanto ruins. Isso me deixa extremamente preocupado, até demais às vezes, essa tendência à desordem, de se preservar uma certa anarquia, este espírito muito livre do carioca que pode desmontar esforços políticos mais conseqüentes, com uma perspectiva de transformação. Transformar a organização social no Rio de Janeiro é muito difícil, é um grande desafio. Por outro lado, se conseguirmos resolver determinados problemas no Rio, seguramente obteremos subsídios para solucionar questões no âmbito nacional. O carioca é irreverente, brincalhão, malandro, até mesmo

viciosamente às vezes, mas isso faz parte da estrutura da personalidade montada historicamente por ele e para ele. Uma pessoa disse, há alguns anos: “o Rio é o cemitério dos marxistas” [risos]. Porque os marxistas pensam sempre a produção como o centro da vida social. E o centro da vida dos cariocas é o imaginário. O carioca joga muito, não só em jogo-do-bicho, em loterias; joga em tudo, permanentemente. É uma maneira de sair do presente frustrante para um futuro fácil. Se o futuro é difícil, se a gente tem de brigar muito por ele, então vem a tentação de se acomodar, pois a vida é uma só... É um pouco essa a lógica do carioca.

**RRJ – Que leituras relacionadas ao Rio mais marcam você?**

**LK** – Machado de Assis, com certeza. O Rio para ele era o Brasil; o Brasil era o Rio. Os episódios importantes narrados em sua obra estão situados no Rio de Janeiro. Machado é uma expressão muito viva desse Rio que me fascina. Gosto muito do Rubem Fonseca, sua literatura carioca. Gosto imensamente do resgate de Copacabana nas aventuras do comissário Espinoza, criado pelo Garcia-Roza. Acho interessante essa capacidade extraordinária de o Rio absorver baianos. Temos algumas afinidades com a Bahia, no sentido de que aqui talvez tenhamos alguns elementos pré-capitalistas que podem ser considerados prenúncios de pós-capitalismo. Daí a gente absorver um João Ubaldo Ribeiro com facilidade, com toda sua mitologia e imaginário baianos; ele





chega aqui e se sente à vontade, muito bem absorvido pela cultura carioca. Absorvemos o mineiro Drummond; o Rio tem muito peso na obra do poeta. Temos o Ferreira Gullar. Estou falando de autores vivos e me sinto pisando em ovos; é chato citar uns e não citar outros. Espero que me perdoem as falhas da memória ... O cinema é uma outra referência no Rio: o Glauber veio da Bahia e viveu muito tempo aqui. Arnaldo Jabor, Cacá Diegues, Leon Hirzsmann, Nelson Pereira dos Santos, Joaquim Pedro de Andrade são nomes importantes.

**RRJ – E o futebol?**

**LK** – Sou flamenguista desde que o Flamengo foi tricampeão, quando eu tinha seis ou sete anos de idade. Somos três amigos que se frequentam e se vêem quase toda a semana: um é fluminense, Carlos Nelson Coutinho; outro é vascaíno, o Milton Temer. Nós nos comportamos como torcedores típicos, tripudiando sobre os outros nos momentos de merecida vitória dos nossos times (e sobretudo quando a vitória sequer é merecida...).

**RRJ – Você também atuou em Niterói como professor da UFF?**

**LK** – Foi um momento importante para mim. Em 1982, fui chamado para participar de uma cerimônia comemorativa dos sessenta anos do Partido Comunista na ABI. A minha fala foi curta e um pouco amarga. No plenário havia um rapaz que tinha decidido entrar no Partido e, quando ouviu a minha fala, desistiu. Era o Luís Augusto Martins, o Guto, que mais tarde procurou-me, dizendo que ficou impressionado

com a minha fala, e perguntou o que estava fazendo. Naquele momento estava dando aulas no Colégio Bennet. Então, ele disse que poderia participar da UFF, via concurso que tinha acabado de abrir. Fiz a inscrição no concurso sem ter muita noção do que era a história brasileira, achei que era o que tinha estudado a vida inteira. Depois, percebi que havia uma literatura específica, interessante, descobri um continente novo que não tinha tido tempo de assimilar completamente. Foi um concurso tenso, difícil, concorri com outro candidato, o Ricardo Benzaquém, que estava mais preparado do que eu e que acabou perdendo por um décimo de diferença - acho inclusive que o resultado foi um pouco injusto. Mas acabei entrando para a UFF, como professor do Departamento de História, de 1984 a 1987, e fiz amizades com algumas pessoas que se tornaram parte do meu cotidiano, interlocutores que sabiam das coisas, como Maria Yedda Linhares, Ismênia de Lima Martins, Ângela de Castro Gomes e uma interlocutora preciosa, que é a Margarida de Souza Neves. Elas e o Ilmar Rohloff de Mattos me ajudavam a pensar, a esclarecer os temas no âmbito da história das idéias, das mentalidades coletivas, dos estudos culturais. Niterói entra como parte dessa realidade do Rio.

**RRJ – Você falou antes das influências sofridas por você. E as influências sobre seus leitores, a partir da sua produção intelectual?**

**LK** – Penso que influenciar pessoas é uma parte muito significativa do trabalho da gente,



quando se consegue. Mas não superestimo esse processo porque ele pode ser muito mitificado. Lembrei de um episódio muito divertido. Há alguns anos fui a Belo Horizonte representar o departamento da PUC em uma reunião de professores da área de educação, e um jovem se aproximou de mim e disse: “Você é Leandro Konder? Nossa! Estou emocionado, estou conhecendo o autor do livro que fez a minha cabeça, mudou a minha vida!”. Fez um discurso exaltado de uns quinze minutos sobre a importância de um livro meu na vida dele. Fique impressionado e com curiosidade de saber que livro era aquele. E de repente ele falou: “Freud, vida e obra” [risos]. Nem tive coragem de esclarecer aquele mal-entendido porque ia parecer algo antipático; acabei aceitando a paternidade do livro. O autor do livro era Carlos Esteves Martins, com quem encontrei em São Paulo e disse que havia usurpado a autoria do livro dele.

**RRJ – E o livro *Leandro Konder, a Revanche da Dialética*, feito em sua homenagem? Poucos intelectuais têm obras desse tipo.**

**LK –** Acho que o livro é de qualidade, tem nível. Eu não me envergonho do meu trabalho, de fato trabalhei, fiz investimentos, tive méritos. Mas acho que há um certo exagero, pois as pessoas se sensibilizam muito com a minha doença - Mal de Parkinson - pelo fato de ser incurável, resultando disso uma postura muito afetiva por parte das pessoas, o que é delicioso, eu adoro. Porém não quero perder de vista que isso é uma ênfase afetiva. Então,

fico contente, fico feliz com a homenagem, mas fico também um pouco desconfiado.

**RRJ – Nesse início do século XXI, tomando o panorama político como norteador, não estaríamos diante da derrota da dialética?**

**LK –** De certa forma a dialética está condenada a viver entre nós uma série de derrotas. E ela só irá se fortalecer por meio dessa sucessão de derrotas, não há como ser diferente. O problema das derrotas é que elas são imprevisíveis e ocorrem onde menos esperávamos. Estamos atravessando um período complexo, em escala mundial. Essa sensibilidade pós-moderna é complicada porque aceita resignadamente o fragmentário. Por outro lado, existe uma certa fecundidade, não vou ignorar, mas ao mesmo tempo existem limites, que não estão sendo reconhecidos; as pessoas estão impacientes em reconhecer essas limitações.

**RRJ – O que deveria permanecer e o que deveria acabar no Rio?**

**LK –** O humor do carioca é imprescindível, faz parte da identidade dele; se um dia acabar seria uma catástrofe, uma calamidade. O que poderia acabar é esse uso sistemático da violência, que está associado à miséria e ao narcotráfico, que se alimenta da disponibilidade das pessoas reduzidas à condição de miséria. Isso tem de acabar.

**RRJ – E o Leandro romancista?**

**LK –** O romancista vai descobrindo que escrever romances é diferente de escrever en-





saios. Comecei a escrever *Bartolomeu* quando ainda era estudante de Direito. E fracassei, escrevi tantas páginas, revi, retomei o projeto umas tantas vezes, achei um tanto superficial, e desisti. De repente, nos anos 90, saiu o romance. Fiquei numa felicidade danada. Encontrei leitores de romance policial e vi que a minha missão era escrever um romance policial. Escrevi um romance policial e apresentei a Luiz Schwarz, da Companhia das Letras, pedi para ele ler. Ele gostou e publicou. Pensei: agora sou romancista. E desde então estou apanhando... A produção não rende. Um ensaio dá para planejar, mas ficção não tem como.

**RRJ – Você ganhou um prêmio pela produção de um belo texto, apaixonado, sobre Florença. Qual a ode que você faria ao Rio de Janeiro?**

**LK –** Eu adoro, tenho admiração, paixão, por Florença, mas a diferença é que eu tenho um distanciamento com a cidade que não tenho

em relação ao Rio. Sobre Florença escrevi duas páginas, mas jamais escreveria somente duas sobre o Rio, porque não tenho esse distanciamento, precisaria escrever muitas páginas. Para falar de Florença organizei um roteiro sobre o que iria falar. Mas e o Rio? O que vou deixar de fora? Não sei. O Rio é meu ambiente físico, é o meu lar. Para os alemães o termo *lar* é muito mais forte: *Heimat*; é o lar intensamente vivido. O Rio é o meu *Heimat*.

**RRJ – Como você espera ser lembrado pelo Rio de Janeiro?**

**LK –** Se meus amigos e alunos guardarem de mim uma imagem viva durante algum tempo já é muito. Essa idéia de perdurar é tentadora, mas isso não é real. Acho que não perdurarei muito. Se puder perdurar como alguém que trouxe alguma contribuição para a vida cultural carioca, já me dou por muito plenamente realizado.



